



## OBITUÁRIO

### *Sidney Mintz (1922-2015),* por Cristiana Bastos

---

*Análise Social*, 219, LI (2.º), 2016

ISSN ONLINE 2182-2999

---

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Av. Professor Aníbal de Bettencourt, 9  
1600-189 Lisboa Portugal — [analise.social@ics.ul.pt](mailto:analise.social@ics.ul.pt)



© Cristiana Bastos



## OBITUÁRIO

### **Sidney Mintz** **(1922-2015)**

“ Vou na minha nona década de vida”, escrevia-me Sidney Mintz em 2015. Continuava a trabalhar com gosto, respondia selectivamente a emails, mas não podia já embarcar em tudo. Algumas coisas ficariam para comentar à distância. Foi assim que, com delicadeza, generosidade e entusiasmo, se dispôs a acompanhar um projecto que em muito inspirou. Infelizmente não comunicámos mais, e no final desse ano perderia a vida na sequência de uma queda. Mas a sua perspectiva, experiência e modo de articular os diferentes níveis do social e do material continuam presentes. Mintz é um dos mais influentes antropólogos de sempre, e muito do que fazemos no século XXI inspira-se nas linhas de análise que foi abrindo ao longo de uma vida criativa e inspiradora. Acompanhava-o uma legítima curiosidade pelo mundo e um encantamento com a possibilidade de contribuirmos para decifrar o que somos, o que fazemos, em que circunstâncias fazemos escolhas ou deixamos de as fazer, em que arranjos e tensões vivemos o colectivo, o pessoal, o imediato e a memória. Deixa-nos um legado amplo, incisivo e variado: quem não conhece *Worker in the Cane*, o protótipo da história de vida enquanto método de pesquisa e estratégia narrativa? Ou *Sweetness and Power*, paradigma das grandes articulações, da convergência antropologia-história, da análise de largo espectro em torno de um produto-mercadoria? E quem não reconhece a sua contribuição ímpar para a antropologia da alimentação?

Sidney Wilfred Mintz nasceu em 16 de Novembro de 1922 em New Jersey, Estados Unidos. Os pais eram imigrantes provenientes da Europa oriental. Já na América, a mãe trabalhou como operária têxtil, chegando a ser activa nos sindicatos e no movimento anarquista; o pai teve actividade nos sectores de tinturaria, vestuário, cozinha, tendo chegado a adquirir o restaurante onde trabalhava. Mintz gostava de lembrar que foi no restaurante do pai que despertou o seu interesse pelo fenómeno da alimentação, pelos modos como as pessoas procuram, preparam, cozinham e servem a comida.

Tal como muitos filhos de emigrantes, o jovem Mintz ingressou numa universidade pública em Nova Iorque – o Brooklyn College, hoje parte da CUNY; descreve-se, nesse tempo, como um aluno medíocre, que todavia foi tocado pela cadeira de antropologia dada por Alexander Lesser. Formou-se em psicologia em 1943, em plena Segunda Guerra. Ainda serviu na Força Aérea; seguidamente, graças ao *GI Bill* – que promovia a formação superior de quem tivesse servido nas Forças Armadas durante a guerra, permitindo a ascensão social de um vasto leque da população – ingressou na prestigiada Columbia, berço histórico da antropologia Norte Americana, e aí viria a completar o doutoramento em 1951. Foi assistente de campo de Ruth Benedict, guardiã da tradição culturalista de Franz Boas. Mas foi sobretudo em torno de Julian Steward, vindo de Berkeley para Columbia, promotor de um grande projecto sobre mudança social com terreno em Porto Rico, que Mintz consolidou a sua formação de campo e de análise. Julian Steward ficaria para a história da disciplina como o teórico da ecologia cultural e da evolução multilinear, propostas posteriormente minorizadas enquanto neo-evolucionismo. Todavia, ao tempo, que era também o tempo da guerra fria e de um difuso mas cortante ambiente anti-soviético, o tema da *mudança* cultural e social era um aglutinador das questões que na Europa se exploravam em diálogo aberto com a tradição marxista: trabalho, capitalismo, modo de produção, dinâmica social, campesinato, classe, exploração, imperialismo, etc. Não é de estranhar, portanto, que muitos dos temas de Eric Wolf, Sidney Mintz, June Nash e outros formados nesse ambiente soem familiares a quem, do lado europeu, tenha lido Braudel, Magalhães Godinho e demais historiadores da tradição dos *Annales*. Mas se há questões partilhadas, já os resultados são outros, outras as análises, as teorias, e sobretudo as narrativas que saíram da experiência dos anos 1950 em Porto Rico, que em Mintz se consolidariam em estudos Caribenhos, em Wolf e Nash em estudos sobre o México e os Andes. Temos nestes o primado da etnografia e do trabalho de campo, a multiplicidade de perspectivas a que a antropologia obriga, e a voz, por vezes em directo, dos sujeitos da história e dos enredos sociais. Temos também a superação dos espantalhos da noção de “cultura” desenvolvida na geração anterior como meio de superar racialismos

e racismos, porém insuficiente para dar conta da complexidade de um mundo em transformações e tensões, particularmente da complexidade dolorosa e triste das sociedades de plantação caribenhas, onde Mintz e alguns colegas fizeram escola de terreno. Como que percorrendo o caminho recíproco dos historiadores europeus dos *Annales* – que partiam da materialidade da história em busca das menos tangíveis mentalidades ou, se quisermos, cultura no sentido antropológico – Mintz e os colegas partiram da cultura Boasiana em busca da materialidade da história e dos modos de produção de desigualdade que também modelam as culturas.

Tendo brevemente leccionado em Nova Iorque, primeiro no City College e depois na Columbia, Mintz torna-se professor em Yale em 1951, e aí permanece por duas décadas e meia. Passaram pelas suas aulas de antropologia centenas de estudantes daquela que era uma das mais proeminentes escolas da elite norte-americana. E aí pôde beneficiar de um certo resguardo quanto ao macarthismo que policiava tantos outros lugares de ensino e investigação na década de 50. Pôde combinar livremente ensino e pesquisa, trabalho teórico e de terreno, e ainda visitas acadêmicas a instituições de relevo. Em 1975 transita para a Johns Hopkins, em Baltimore, e a partir daí coordena o mais influente centro de estudos das Caraíbas, onde se formam várias gerações de investigadores notáveis; continua a ensinar, a fazer trabalho de campo e a influenciar a teoria.

Desde 1950 que Mintz publica regularmente nas revistas de referência na antropologia e vizinhanças: *American Anthropologist*, *Comparative Studies in Society and History*, *Human Organization*, *Scientific American*, *American Journal of Sociology*, *Caribbean Historical Review*, etc. Numa primeira fase, explora as questões relevantes das sociedades de plantação nas Caraíbas: trabalho, campesinato, proletariado rural, mercados, mas também parentesco, ritual, análise simbólica, e ainda aquilo que mais tarde viriam a ser os estudos de género, de raça, de criouliização, de colonialismo/pós-colonialismo. Segue-se um outro ciclo que, emergindo destes temas, está focado no açúcar e nas suas ligações com a expansão e o capitalismo. E deste ciclo emergem outros núcleos e nexos – o aprofundamento das relações entre história e antropologia; os estudos comparativos de sociedades geradas nos impérios de plantação de diferentes matrizes coloniais (Porto Rico-Jamaica-Haiti); os estudos em torno de outros produtos/mercadoria para além do açúcar, como a soja; e finalmente, os estudos de alimentação e consumo. Estes ciclos são pontuados por livros, todos eles de grande impacto.

Em 1960, *Worker in the Cane – A Puerto Rican Life History* (Yale University Press) inaugura todo um novo género narrativo e analítico, com a deslocação dos anónimos da história para sujeitos da acção e da palavra. É na proximidade

de Don Taso e de sua família, através da sua experiência, das suas expressões e comentários, que Mintz nos dá a conhecer a dinâmica de mudança e os constrangimentos em que se joga o ser e o devir de quem trabalha nas plantações de açúcar das Caraíbas. O livro foi recebido com tepidez, se não mesmo com perplexidade, pelo modo como fugia ao padrão exigido de objectividade e cientificidade – como expor e trabalhar essa proximidade, amizade entre pesquisador e sujeito da pesquisa? Mas o mundo mudou, e a antropologia mudou muito desde então, fazendo deste modelo um exemplo e a *pièce de resistance* da disciplina que as demais emulam.

*Sweetness and Power: The Place of Sugar in Modern History* (Nova Iorque, Viking-Penguin) é publicado em 1985 e torna-se de imediato obra de referência. Mintz é já um antropólogo de renome consolidado, autor de várias monografias convencionais e livros menos convencionais. Pode aventurar-se a explorar as conexões que unem diferentes níveis da realidade – o produto, o gosto, a energia, o trabalho, o mercado, o império, a sociedade local, a experiência, a transferência da experiência, a adição, e dependência, experiência, a expansão do mercado. *Sweetness* torna-se paradigma para mais estudos em torno de produtos/mercadorias a partir dos quais se pode contar a complexidade da história, os recortes do poder, a manutenção das desigualdades, mas também os focos de criatividade e resistência que particularizam cada emergência local. O *Poder Amargo do Açúcar* (título da tradução no Brasil) abriu mais frentes, e Mintz manteve-se atento a outras formas de criar o gosto doce – mel, aspartame, alfarroba, etc. –, à complexidade dos seus mercados e às consequências do seu consumo.

*Sweetness* é também, na divisão convencional de estudos de área, um livro sobre as Caraíbas, e aqui fora já antecedido por *Caribbean Transformations* (Chicago, Aldine) em 1974; ao longo dos anos, Mintz é editor e co-autor de outros volumes, incluindo *Caribbean Contours* (Baltimore, Johns Hopkins University Press), em 1985, com Sally Price; *The Birth of African-American Culture: an Anthropological Perspective* (Boston, Beacon Press), em 1992, com Richard Price, em 1992; *Slavery, Colonialism and Racism* (Nova Iorque, Norton), em 1996. Richard e Sally Price, seus discípulos, expandiram ao Surinam de colonização holandesa o esforço comparativo que Mintz já levava a cabo trilhando o Haiti de colonização francesa, a Jamaica de colonização britânica, e o Porto Rico de colonização hispana. Desse continuado périplo em trabalho reflexivo resulta o livro *Three Ancient Colonies: Caribbean Themes and Variations* (Cambridge, Harvard U. Press), publicado em 2010.

Finalmente, os estudos de alimentação. Vinham já de meados da década de 1980 os primeiros artigos de Mintz enunciando a sua preocupação pela formação do gosto alimentar, das escolhas, da culinária, também presentes em

*Sweetness*. Publica em 1996 o instigante *Tasting Food, Tasting Freedom: Excursions into Eating, Culture, and the Past* (Boston, Beacon Press) e continua a publicar artigos que se estendem em torno do gosto pelo doce, mas também pelo sal, pelos mais diversos produtos, colheitas, mercados, comidas, do rui-barbo ao peixe, do cacau à soja. É centrado neste produto que edita em 2006, junto com Christine Dubois and Chee-beng Tan, *The World of Soy* (Urbana, University of Illinois Press.)

Muito haverá ainda por dizer da soja, que transforma as paisagens físicas e alimentares do século XXI; e muito tinha ainda Mintz para dizer, ele que nunca parou de trabalhar e de nos dar exemplo, ele que fazia de cada momento de vida um momento de observação e reflexão. Um brinde póstumo, portanto, talvez lembrando aquele vinho branco bebido à beira-Tejo na companhia de Jaqueline Wei, sua mulher, de colegas e amigos portugueses, justamente antes da longa entrevista que junto com o Miguel Vale de Almeida fiz em 2004 para a *Etnográfica*, já lá vão mais de dez anos. Dessa tarde ficou também esta fotografia.

---

BASTOS, C. (2016), *Obituário "Sidney Mintz (1922-2015)"*. *Análise Social*, 219, LI (2.º), pp. 489-493.